



PPGCOM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM COMUNICAÇÃO

II SIMPÓSIO FLUXOS PESQUISA EM MOVIMENTO

Centro de Artes e Comunicação
Dia 2 de junho de 2025

*Atividade da disciplina Seminário de Tese
ministrada pelas professoras Isaltina Mello Gomes e Nina Velasco*

Dia 2 de junho (Manhã)
Horário: 9h às 12h

Mesa 1: Política, discurso e identidade

Mediação: Cristina Texeira

A construção do discurso institucional sobre a Operação Acolhida e a presença do Acnur
Laura Santos de Souza

Resumo: Neste trabalho, analisamos as notícias veiculadas no site do Governo Federal, no que diz respeito às postagens institucionais sobre a Operação Acolhida (OPA). A partir de uma filtragem de buscas utilizando o termo “acnur”, obtivemos o resultado de um total de 57 matérias, entre o período de agosto de 2018, ano de início da Operação, até o mês de maio de 2025. Nosso objetivo é o de investigar como o discurso sobre a participação do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), agência da ONU, é retratado ao longo da existência da OPA até o momento da pesquisa, englobando as diferenças políticas entre os governos que a atravessaram. Notamos como a ideia de “cooperação” está sempre presente nas publicações, ao mesmo tempo em que grande parte da gestão de processos se apresenta fortemente atrelada ao papel da agência, sendo a interiorização de migrantes no país um exemplo disso. Nesse sentido, pensamos o papel da Comunicação Pública nas noções de transparência/opacidade sobre os dados apresentados, bem como a discussão sobre soberania nacional, no que diz respeito aos limites existentes entre a participação da Agência e seus desdobramentos. Em contraste com as narrativas veiculadas pelo Portal do Governo, trazemos um comparativo com as reportagens produzidas pela Agência Pública, que utilizou o relatório produzido, em setembro de 2022, pelo projeto Fronteiras da mobilidade no Brasil contemporâneo, desenvolvido pelo Grupo MIGRA (UFPE) e GEIFRON (UFRR), com financiamento do Edital Universal do CNPq. Por meio da análise crítica do discurso, pretendemos discutir a construção de uma perspectiva parcial da realidade do contexto migratório no Brasil por vias institucionais.

A machosfera e a violência simbólica contra as mulheres a partir de perfis masculinistas no Instagram
Mabel Dias

Resumo: Todas as modalidades de violência contra as mulheres apresentaram um crescimento no Brasil, conforme revelou o 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2024. Dentre elas, o crime de stalking (perseguição virtual) registrou 77.083 ocorrências (34,5%). A Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos da SaferNet Brasil registrou, entre 2017 e 2022, um crescimento das denúncias de misoginia no ambiente virtual. As mulheres são as maiores vítimas, com 74,3 mil denúncias registradas neste período. Assim como os lares e as ruas, o ambiente digital também não tem sido um espaço seguro e saudável para as mulheres. Nas plataformas digitais, perfis e canais masculinistas se proliferam, como o dos influenciadores red pill, Thiago Schutz e Rafael Aires. Red pill é uma das subculturas (D’Andrea; Vilaça, 2021) que fazem parte do que tem sido classificado como manosphere, (Hoffman apud Januário; Chancel, 2023) que em português significa “machosfera”. Este artigo tem como objetivo analisar se o conteúdo sobre o gênero feminino, postado pelos masculinistas Thiago Schutz e Rafael Aires, na plataforma digital Instagram, incentiva a violência contra as mulheres. Para isso, selecionamos 10 vídeos de cada perfil, com base no engajamento provocado por eles (curtidas, comentários e compartilhamentos). Após a seleção destes vídeos, guiando-se pelo método da Netnografia (Kozinets, 2014), procedemos a análise de conteúdo (Bardin, 1977), e identificamos a publicização de conteúdos que podem ser enquadrados como violência simbólica (Bourdieu, 2014) contra as mulheres, que é sutil e por vezes invisível, mas de acordo com o filósofo francês, pode causar danos reais, como aconteceu no Reino Unido, quando um homem de 26 anos, que consumia conteúdo na plataforma X, postado pelo masculinista Andrew Tate, matou sua ex-namorada, sua mãe e a irmã. Não nos detivemos em um período ou tema específico, mas sim, no alcance que as postagens dos *Red Pills* alcançaram, analisando de que modo elas podem influenciar os seus seguidores na construção da imagem das mulheres, e se o conteúdo postado por Schutz e Aires, pode contribuir para a prática de atos violentos contra o gênero feminino no Brasil.

Mesa 2: Identidade e gênero no cinema contemporâneo

Mediação: Angela Prysthon

Desejos Monstruosos: Gênero, sexualidades e cultura visual

Marcos Haas

Resumo: A imagem monstruosa é, antes de tudo, um sintoma e uma promessa. Sintoma de uma crise nos sistemas de visibilidade e inteligibilidade que regulam o que pode ou não ser reconhecido como humano; promessa de uma forma por vir, ainda informe, em processo. Esta investigação parte da hipótese de que o monstro – enquanto figura estética, política e epistemológica – opera como dispositivo de desestabilização das normas que moldam os corpos, os afetos e as temporalidades. A pergunta que a orienta é, em um primeiro momento: “De que maneira a monstrosidade, enquanto figura visual na cultura contemporânea, desafia, reinscreve ou reconfigura significantes de gênero, desejo e tempo?”. Para responder a essa questão, recorreremos a uma articulação entre análise de imagens e as teorias queer, feminista, e estudos decoloniais, que pensam o corpo como um campo de disputa e a monstrosidade como figura liminar, que perturba fronteiras normativas entre humano e não humano, natural e artificial, erótico e abjeto. Ao invés de domesticá-lo ou explicá-lo, interessa-nos fabular com o monstro, encontrando neles mais do que desvios, mas encarnações de possibilidades outras, abertas à fabulação e ao pensamento especulativo.

Vestígios das lutas das mulheres do Sertão do Pajeú

Maria da Conceição Fontoura de Paula Cardoso

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar como as experiências das lutas das mulheres de Afogados da Ingazeira, Sertão do Pajeú - PE, se inscrevem no vídeo que registra a manifestação de rua do dia 8 de março de 1991 na cidade. O vídeo é um material bruto de fita VHS digitalizada do acervo do Grupo Mulher Maravilha, parceiro do Benvirá, ambas organizações autônomas feministas pernambucanas. Nas imagens do arquivo, vemos um grupo de mulheres segurando faixas com suas reivindicações, cantando e caminhando pelas ruas da cidade sertaneja em ato organizado. Nos debruçaremos sobre o material audiovisual da manifestação investigando quais operações as imagens e sons do vídeo constroem com a luta das mulheres e quais tipos de deslocamentos produzem no regime de visibilidade de um território onde as pautas feministas e a própria noção de feminismo ainda estavam em construção. Para tanto, lançaremos mão da ideia de *trabalho das imagens* de Jacques Rancière, pela qual trataremos as imagens como dispositivos que podem produzir desacordos e fraturas no sensível, quebrando relações estabelecidas tal como um ato de sabotagem. Seguindo a linha de pensar as imagens e sons dessa manifestação de rua, a forma plástica do

vídeo atravessará essa análise possibilitando que o material seja menos tratado pela verossimilhança esperada de um material de registro, e mais como uma formação geológica que nos traga vestígios dessa luta. Trata-se de uma proposta de se relacionar com esses arquivos pela sua dimensão poética, na esteira do pensamento de Maurício Lisovsky, buscando uma aproximação com o futuro sonhado que está guardado nesse material bruto.

O ensaio e o arquivo no cinema do “eu”: autoinscrição no documentário autobiográfico pernambucano Sandro Alves de França

Resumo: O presente artigo busca investigar o papel de singularidade que o ensaio e o arquivo desempenham nas narrativas autobiográficas do documentário pernambucano na contemporaneidade, possibilitando modos de autoinscrição fílmica muito próprios e repletos de significações. São elementos que, muitas vezes, funcionam como agência para enunciação do “Eu” e também para formulação narrativo-estilística das obras audiovisuais que constroem uma escrita de si no cinema. Os filmes selecionados para análise são os curtas Cinema Contemporâneo (2019), Felipe André Silva e Rebu (2020), de Mayara Santana bem como os longas-metragens Uma Passagem para Mário (2014), de Eric Laurence e Retratos Fantasma (2023), de Kleber Mendonça Filho. O ensaísmo e o uso do arquivo, principalmente imagens arquivísticas, são comuns em documentários autobiográficos. Essas obras destacam a vida do documentarista, muitas vezes de forma fragmentada e aberta, gerando mais perguntas do que respostas. Esse estilo reflete as imprecisões da memória e a reapropriação da realidade na narrativa autobiográfica, onde o autor se torna personagem, construindo-se como “herói da própria vida”. Além disso, a expressão autobiográfica pode incluir a representação através do olhar do outro. No cinema-documentário, a abordagem ensaística e a utilização de arquivos são comuns, funcionando como dispositivos narrativos que sustentam a expressão pessoal no discurso fílmico. Esses elementos desempenham um papel fundamental na construção do “Eu” e na composição estilística e narrativa, conferindo singularidade à autoinscrição do cineasta. Essa abordagem contribui para um cinema documental autobiográfico rico em simbolismo, afetividade e estética. A territorialidade e regionalidade também são consideradas, destacando o papel do território – como cidade, estado, região ou comunidade – na enunciação autobiográfica, adicionando nuances e particularidades à composição discursiva da obra e seus caracteres narrativos. Para tal empreendimento, são utilizadas as postulações e reflexões teóricas de autores e autoras como Philippe Lejeune (2008), Judith Butler (2015), Leonor Arfuch (2010), Michel Foucault (2006), Bakhtin (2011), para fundamentar as noções de escritas de si e seus desdobramentos; Michael Renov (2004 e 2014) e Alisa Lebow (2012) embasam as noções de documentário autobiográfico e autoinscrição fílmica; Theodor Adorno (2003), Gabriela Almeida (2018), Francisco Elinaldo Teixeira (2015), Arlindo Machado, (2003) e Timothy Corrigan (2015) desdobram os conceitos de ensaísmo e filme-ensaio; Arlette Farge (2009) Sylvie Lindeperg (2015), Philippe Artières (1998), Christophe Prochasson (1998) e Jaimie Baron (2019) trazem as proposições sobre arquivo, efeito e imagens arquivísticas; Maria Helena Costa (2016) discorre sobre o papel do espaço e do território na construção do discurso fílmico.

Dia 2 de junho (Tarde)
Horário: 14h às 17h

Mesa 3: Corpo e performance nas plataformas digitais

Mediação: Thiago Soares

Do “ter” Ao “ser” Algorítmico: Estetização do Consumo e Performance de Gênero nas Influenciadoras Virtuais

Anna Karollina Oliveira Silva

Resumo: Este artigo investiga as transformações do consumo na cultura digital, focando no deslocamento do “ter” para o “ser”, principalmente, na estetização da vida cotidiana, buscando compreender o fenômeno das influenciadoras virtuais criadas a partir de Inteligência Artificial. Baseando-se em Lipovetsky (2015), compreendemos que o consumo atual prioriza a expressão simbólica e identitária em vez de bens materiais, visto que “vivemos no boom estético sustentado pelo capitalismo do hiperconsumo” (Lipovetsky, 2015, p. 40), consumindo-se, assim, atmosferas e estilos de vida mediados por influenciadores, incluindo os virtuais. No ambiente das redes sociais, aqui daremos ênfase ao *Instagram*, em que influenciadoras virtuais como Miquela (@lilmiquela), Satiko (@iamsatiko_) e Shudu (@shudu.gram), encenam rotinas e comportamentos da

juventude hiperconectada e consumista. Frequentemente, essas performances replicam e reforçam normatividades de gênero tradicionais, moldando o "ser" desejável. A partir da análise de conteúdo dessas figuras, buscaremos entender como o consumo digital se estetiza, borrando as fronteiras entre produto e estilo de vida, publicidade e entretenimento, real e simulado. Miquela, por exemplo, aparece em campanhas de grandes marcas ao mesmo tempo em que discute pautas sociais e compartilha dramas pessoais fictícios, promovendo uma imersão narrativa que vai além do marketing tradicional. Satiko, criada por uma influenciadora humana (Sabrina Sato), flerta com a autorreferencialidade e o metaverso, enquanto Shudu é uma modelo hiper-realista; o que ambas têm em comum: um ideal de beleza moldado por uma estética socialmente construída pelo patriarcado. Portanto, ressaltamos a importância em perceber que esses ideais de beleza e os modos de atuação dessas influenciadoras estão frequentemente alinhados com expectativas de gênero preexistentes. Sendo assim, o artigo hipotetiza que as influenciadoras de Inteligência Artificial não só vendem produtos ou estilos de vida, mas também performam identidades de gênero específicas que, ao serem consumidas e internalizadas pelos seguidores, contribuem para a manutenção e o reforço das normas de gênero na sociedade digital, cujas representações influenciam a construção da identidade e a prática simbólica do consumo como estética de si.

Medicalização Estética, Magreza Extrema e Redes Sociais: Padronização e glamourização do corpo inalcançável

Isis Luna Cirne de Azevedo

Resumo: A pressão por padrões estéticos que incide sobre corpos femininos, sob a lógica neoliberal, impõe disciplina e autocontrole, vendendo a beleza como valor social. Os padrões de feminilidade refletem a colonização econômica e a hegemonia cultural, moldando corpos para consumo e poder. No atual contexto da vida contemporânea, amplamente mediada pela tecnologia, as plataformas digitais criam redes de relações que afetam práticas sociais e culturais e potencializam a disseminação de padrões estéticos corporais que se reconfiguram com frequência, mantendo as mulheres em constante vigilância com o próprio corpo. No neoliberalismo, cada mudança nesses padrões gera demanda por intervenções, dietas, medicalização e procedimentos estéticos. Considerando o retorno da exaltação da magreza na mídia e nas redes sociais nos últimos anos, investigaremos os *Trending Topics* do Google relacionados à magreza extrema e à medicalização estética durante o primeiro semestre de 2025, para examinar e analisar como esses temas se apresentam em formas de conteúdos virais e *trends* do TikTok durante esse período. A partir de autoras como Wendy Brown (2015), Naomi Wolf (2018), Elias *et al.* (2017), e com base em teorias foucaultianas, analisaremos a normatização dos corpos femininos sob a lógica do autocontrole, da produtividade e da vigilância de si. O conceito de "beleza impossível" Moreno (2008) é central para compreender a medicalização estética e os transtornos alimentares como práticas de normatização corporal que visam atender a padrões inatingíveis de magreza e perfeição, especialmente entre mulheres. E, a partir do conceito de "Feminismo de Mercado" (Barreto Januário, 2022), trataremos da maneira como a indústria publicitária "adotou" o feminismo, transformando-o em *commodity*, em mercadoria, manipulando o corpo e o desejo das mulheres com o intuito de servir a interesses mercadológicos, incorporando o poder cultural e ideias feministas às massas, enquanto as domestica e esvazia as pautas dos movimentos feministas por elas reivindicadas. Com este trabalho buscamos observar as narrativas criadas para exaltar e glamourizar a busca por esse ideal de extrema magreza, especialmente a partir da medicalização estética e dos transtornos alimentares, e como a pressão sobre esses padrões estéticos contribui para a perpetuação de ideais excludentes que afetam a saúde mental e a imagem corporal das mulheres.

Modos de Ser em Plataformas Digitais a partir de gestos performáticos

Flávio Marcílio Maia e Silva Júnior

Resumo: Este resumo trata inicialmente da ideia de performance (Taylor, 2013) como eixo teórico fundamental para o entendimento e a popularidade de celebridades da internet. Estar numa rede social é compartilhar vivências e fazer parte de algo, desde uma *trend* até uma performance de gosto (Amaral et al., 2018) destacada e exibida em comentários de uma postagem considerada polêmica, por exemplo. É agir, a partir de Taylor (2013) por "atos de transferência", maneiras pelas quais aprendemos gestos e arranjos corporais por diferentes meios (no caso deste trabalho, a internet) e a como eles, assim, podemos compor nossas performances. Estes gestos performáticos, em forma de imagens pixeladas e transformadas em dados para as *Big Techs*, configuram diferentes modos de ser no meio digital em busca de autenticidade por meio da criatividade e uso de ferramentas digitais. As telas das redes sociais tornam-se, então, local de

entretenimento (Han, 2019) principalmente quando pessoas comuns ganham notoriedade a partir da viralização e disseminação da sua imagem enquadrada por meio de roteiros criados na internet: postagens do estilo “reclame aqui” expondo marcas e produtos, paródias ou registros banais que refletem um cotidiano online e reações a produtos da Cultura Pop como filmes e novelas. Estes três exemplos citados estão relacionados com a ascensão de três celebridades da internet brasileira que são foco de análise deste trabalho: Tulla Luana, Blogueirinha e Jojo Toddynho. A partir de roteiros específicos, cada uma delas conseguiu alcançar popularidade e conquistar um status “Diva” em suas vidas. Atualmente, apenas na rede social Instagram, cada uma delas tem respectivamente 286 mil, 4,3 milhões e 30 milhões. Os números são um forte indicador de popularidade, porém outras razões como a tecnológica e a questão política atuam como influentes nesse processo. No processo de ascensão da popularidade, o corpo de cada uma delas atua como agente performático através de feições, olhares, gritos e falas de contestação e ironia. Estes registros audiovisuais em redes sociais, logo compartilhados e transformados em memes, gifs, músicas parecem fortalecer a ideia do audiovisual em rede (Gutmann, 2021) e colocam-se de forma cênica para o outro: “na vivência em redes sociais digitais, o simples exercício de olhar a ação do Outro inscreve a teatralidade, colocando a gestualidade desse Outro no espaço especular” (Soares, 2021). Esta ideia de teatralizar na sociabilidade contemporânea parece aproximar estas webcelebridades de um público específico, o gay, pela estética Camp (Sontag, 1987) a qual o exagero e o apreço pelo fracasso seriam características principais. Babuscio (1999) destaca a teatralidade como parte de uma sensibilidade homossexual que também está atrelada ao Camp pois explicaria “o entusiasmo de tantas pessoas na nossa comunidade por certas estrelas cujas performances são altamente carregadas de dramatizações (geralmente sexuais) exageradas” (Babuscio, 1999, p. 124, tradução nossa).

Mesa 4: Ancestralidade e cultura brasileira

Mediação: Fernanda Capibaribe

Do Local ao Digital: revisitando o Conceito de Comunidade como Base para o Aquilombamento Digital

Adelvando Pereira de Souza

É sabido da contribuição do Mangubeat para a visibilidade internacional de Pernambuco no aspecto musical, o que provocou considerável incremento no que tange aos produtos culturais que ponderavam a respeito do mangubeat; seja no audiovisual, no literário ou acadêmico. Todavia, acredito que os meandros das diásporas negras e seus diálogos com os povos originários, fundamentais para formação de um alicerce sensível do mangubeat, ainda seja pouco debatida, não obstante tamanha relevância. No trajeto das pesquisas percebi como a institucionalização do movimento mangu foi um importante fator de contribuição para o movimento tornar-se hegemônico e símbolo contemporâneo da ideia de pernambucanidade. Dentro dessa conjuntura, pressupomos que os processos de incorporação do movimento mangu como uma manifestação genuína e autenticamente pernambucana, invariavelmente também alimenta movimentos de exclusão. Acreditamos que os deslocamentos agenciados por essa maquinaria pernambucana de autenticidade seja um dos vetores de apagamentos, silenciamentos e esquecimentos que atravessam o mangubeat. Diante disso, me lanço num lamaçal movediço entremeado de silêncios e esquecimentos ao propor articular a institucionalização do Mangubeat, o pensamento de Gilberto Freyre e o conceito de Pernambucanidade como forma de alargar as fissuras do Mangu a fim de trazer à superfície hiatos e estuários estéticos.

Revolta de Caboclo é Fogo no Canavial: encruzilhadas sônicas e visuais em matrizes afro-indígenas a partir da obra de Caboc'urbano (PE)

Luane Fernandes Costa

Resumo: Este artigo analisa a obra audiovisual *Fogo no Canavial* (2024), dirigida por Jota Carmo, que entrelaça música, imagem e ancestralidade em uma proposta transdisciplinar. A produção assume a forma híbrida de documentário e videoclipe da música homônima do grupo Caboc'urbano, composta e interpretada por Poeta de Malunguinho, e tem como eixo central a manifestação cultural dos caboclinhos, dança de matriz indígena intimamente ligada ao culto da Jurema Sagrada. Filmado em Camaragibe (PE), o filme resgata memórias coletivas por meio de relatos de moradores e da performance corporal de praticantes, evidenciando a oralidade e a corporeidade como formas de transmissão de saberes ancestrais. A trilha sonora combina elementos contemporâneos, como beats eletrônicos produzidos por Zoe Beats, com instrumentos

considerados tradicionais (flautas, surdos, maracás), evocando sonoridades que remetem aos cantos e rituais indígenas. A obra rompe com dicotomias entre tradição e modernidade ao promover o encontro entre o rap e a religiosidade de matriz indígena, desafiando convenções estéticas, temporais e epistemológicas. Nesse sentido, *Fogo no Canavial* tensiona as linearidades do tempo impostas pela lógica colonial, e propõe uma cosmopercepção espiralar e circular, conforme discutem Leda Maria Martins (2022), Nego Bispo (2023) e Silvia Cusicanqui (2021). Através da linguagem audiovisual, a obra se posiciona como uma ferramenta de resistência à matriz colonial do poder (Mignolo, 2017), enfrentando os processos de epistemicídio e etnocídio ao reafirmar a presença indígena em contextos urbanos. O nome do grupo Caboc'urbano, derivado da contração entre “caboclo” e “urbano”, expressa essa reivindicação de pertencimento e continuidade. *Fogo no Canavial* atua, portanto, como um artefato contracolonial, afrontando a noção de tempo ocidental e reafirmando que os saberes indígenas não pertencem apenas ao passado, mas coexistem e disputam o presente, em um movimento de retomada e reexistência.

Pernambucanidade, Mangubeat e Gilberto Freyre: inventando maquinarias de esquecimento e institucionalização.

Artur Onaye

Resumo: É sabido da contribuição do Mangubeat para a visibilidade internacional de Pernambuco no aspecto musical, o que provocou considerável incremento no que tange aos produtos culturais que ponderavam a respeito do mangubeat; seja no audiovisual, no literário ou acadêmico. Todavia, acredito que os meandros das diásporas negras e seus diálogos com os povos originários, fundamentais para formação de um alicerce sensível do mangubeat, ainda seja pouco debatida, não obstante tamanha relevância. No trajeto das pesquisas percebi como a institucionalização do movimento mangu foi um importante fator de contribuição para o movimento tornar-se hegemônico e símbolo contemporâneo da ideia de pernambucanidade. Dentro dessa conjuntura, pressupomos que os processos de incorporação do movimento mangu como uma manifestação genuína e autenticamente pernambucana, invariavelmente também alimenta movimentos de exclusão. Acreditamos que os deslocamentos agenciados por essa maquinaria pernambucana de autenticidade seja um dos vetores de apagamentos, silenciamentos e esquecimentos que atravessam o mangubeat. Diante disso, me lanço num lamaçal movediço entremeado de silêncios e esquecimentos ao propor articular a institucionalização do Mangubeat, o pensamento de Gilberto Freyre e o conceito de Pernambucanidade como forma de alargar as fissuras do Mangu a fim de trazer à superfície hiatos e estuários estéticos.